

CONDUTA DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE FRENTE A MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Joana Prado de ARAÚJO¹

1. Centro Universitário São Lucas Porto Velho

A violência contra a mulher é um tema que durante muito tempo foi tratado como pertencente apenas às esferas do direito e da segurança pública. Até recentemente o campo da saúde olhava para tal fenômeno como mero espectador, um contador de eventos, um reparador dos danos provocados. O Brasil é signatário da Convenção para a Eliminação de Todas as formas de Discriminação contra a Mulher e, para dar cumprimento a esta, foi publicada, em 2006, a Lei nº 11.340 (Lei Maria da Penha). Ela define os tipos de violência doméstica contra a mulher, oferece penas mais duras aos agressores e cria mecanismos de maior proteção judicial e policial às mulheres em situação de violência. Diversas ações transversais são previstas pela Lei e, em consonância a ela, a Secretaria de Políticas para Mulheres publicou, em 2011, a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Dois aspectos são importantes para a violência ser entendida como pertencente ao campo da saúde: a ampliação do conceito de saúde, que considera qualquer agravo e ameaça à vida, às condições de trabalho, às relações interpessoais e à qualidade de vida como parte de sua atuação; e o fato de a violência afetar profundamente a vida e a saúde das pessoas, além de ter alto potencial de morte. Devido às consequências da violência sobre a saúde, mulheres nessa situação são frequentadoras assíduas dos serviços de saúde, muitas vezes, o único lugar em que procuram ajuda. Pelo menos 35% das queixas levadas por mulheres a esses serviços estão ligadas à violência sofrida e os perpetradores são seus parceiros íntimos em 88% dos casos. Apesar dos avanços nos últimos anos, decorrentes dos marcos legais e inovações políticas, milhões de mulheres brasileiras continuam sofrendo violência física, sexual, psicológica e econômica. As políticas nessa área enfatizam a extrema importância do atendimento adequado, em especial, nos serviços de saúde. Sabemos que o papel do profissional de saúde é bastante relevante nesse tipo de atendimento e, por isso, desenvolvemos este estudo, que teve por objetivo analisar os conhecimentos de profissionais médicos e enfermeiros sobre algumas características da violência contra as mulheres, e as condutas e encaminhamentos que realizam na rede pública. Para realizar o levantamento quanto aos conhecimentos dos profissionais quanto a condutas em casos de violência contra a mulher deve-se realizar um questionário que demonstre de fato o nível de conhecimento dos profissionais nessas situações que infelizmente são corriqueiras na sociedade. Segundo o estudo realizado por Vieira, 2013 em relação à formação sobre como lidar com a violência, 116 (52,7%) profissionais afirmaram que tiveram algum conteúdo referente a esse assunto, sendo que destes, 88 (78,5%) o tiveram nos seus cursos curriculares. Mais de 90% (201) dos respondentes acreditam ser este um tema muito importante para um profissional de saúde. Sobre a formação em serviço para qualificar o atendimento nos casos de violência, apenas 27% (61) dos entrevistados referiram ter tido acesso a algum tipo de capacitação, e encontrou-se diferença importante entre a formação de médicos e enfermeiros, sendo que estes últimos têm mais chance de terem sido treinados em serviço. Apesar da maioria dos respondentes referir que realizou atendimentos a mulheres em situação de violência, apenas 10 profissionais (3%) afirmaram que a porcentagem das mulheres que sofrem violência estaria entre 30% e 40%, prevalência encontrada nas pesquisas. Tal dado revela que a maioria desconhece a alta prevalência da violência contra a mulher perpetrada por parceiro



íntimo. Embora a literatura refira que esta não é a ocorrência da maioria dos casos, o destaque que os entrevistados dão a essa questão relaciona-se à visibilidade da violência. Para eles, o corpo ferido, a existência de hematomas e fraturas é o que possibilita a identificação da violência. A dificuldade dos profissionais em reconhecer a violência como possível causa para diversos sintomas que atendem diariamente parece estar associado a esse desconhecimento epidemiológico acerca da violência, que gera uma dificuldade de reflexão sobre o problema. Além disso, emoções causadas pelas situações de violência, muitas vezes vividas pelos próprios profissionais em suas vidas pessoais, são outros fatores que podem dificultar. A realidade dos serviços de saúde no que se refere a esse tema ainda é bastante insatisfatória e um dos problemas apontados pela literatura seria o despreparo dos profissionais para atender adequadamente às mulheres. O desconhecimento da epidemiologia da violência contra a mulher perpetrada por parceiro íntimo aumenta sua invisibilidade. Para que esta realidade seja transformada, é fundamental que o processo de trabalho permita e os profissionais estejam aptos a uma relação dialógica com as mulheres, que passariam de objetos de intervenção a sujeitos de uma relação, seja em ações de promoção à saúde, de prevenção da violência ou de cuidado aos agravos causados.

PALAVRAS-CHAVE: Profissionais da Saúde. Mulheres Vítimas de Violência. Violência contra Mulher.